

A Escolha Soberana de Deus (Rm 9:1-33)

Gordon Haddon Clark

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Paulo naturalmente desejava a salvação da sua própria raça; e ele viu que a rejeição de Cristo pelos judeus e a justificação dos gentios pela fé produziu a ilusão de que a Palavra de Deus não tinha nenhum efeito. As promessas não tinham sido dadas aos israelitas?

Não, elas não tinham sido dadas a eles. Pelo menos as promessas não tinham sido dadas aos descendentes físicos de Abraão como tal. Ismael foi excluído em favor de Isaque. Esaú foi excluído em favor de Jacó. Estas exclusões são inerentes na promessa em si; isto é, a escolha é de Deus.

Note bem que a escolha foi feita antes das crianças nascerem e antes delas terem feito bem ou mal. Isto era para mostrar que o fator determinante é o propósito de Deus. A eleição não depende das nossas obras, mas daquele que chama.

Deus foi então injusto por escolher Jacó, e não Esaú, antes deles nascerem e à parte das suas obras? De modo nenhum! Em primeiro lugar, isso não é uma questão de justiça, como se Jacó e Esaú tivessem alguma reivindicação sobre Deus, mas de misericórdia e compaixão. Além do mais, era a prerrogativa de Deus também endurecer o coração de Faraó para o propósito de demonstrar seu poder nele.

Deus é então injusto ao punir o ímpio, visto que ninguém pode resistir à vontade de Deus? De modo nenhum! Ninguém tem qualquer direito de encontrar falta em Deus. Deus é como um oleiro. Do mesmíssimo barro ele faz um vaso para honra e outro para desonra. É ridículo supor que o barro pode ditar algo ao oleiro.

Portanto, Deus preparou certos vasos para destruição para fazer conhecidas as riquezas da sua glória sobre os vasos de misericórdia, que ele preparou para glória. E estes vasos de misericórdia incluem alguns gentios e excluem alguns judeus.

O fator diferenciador entre os dois grupos é a fé em Cristo. Alguns gentios têm fé; mas alguns judeus – de fato a maioria – confiando em suas próprias obras, encontram Cristo como sendo uma pedra de tropeço e uma rocha de ofensa.

Fonte: *The Biblical Expositor – Volume III*, Carl F. H. Henry (editor), A.J. Holman Company, p. 254, 255.

Sobre o autor: Gordon Haddon Clark (31/8/1902 – 9/4/1985), filósofo e teólogo calvinista americano, foi o primeiro defensor do conceito apologético pressuposicional e presidente do Departamento de Filosofia da Universidade de Butler durante 28 anos. Especialista em Filosofia Pré-socrática e Antiga, tornou-se conhecido pelo rigor na defesa do realismo platônico contra todas as formas de empirismo e pela afirmação de que toda a verdade é proposicional e pela aplicação das leis da lógica.